

Quando Albufeira queria ser a “Saint-Tropez portuguesa”

Nas ruas da praia dos pescadores, Manuel da Fonseca, na década de 60, encontra pessoas a expressar-se nas “mais desvairadas línguas”, em ambiente multicultural, “prestes a partirem alegremente para uma bela aventura”

Idálio Revez

Quando o turismo ligado aos percursos da natureza ainda não estava na moda, Albufeira foi considerada um símbolo nessa área. Nas margens da ribeira de Quarteira, o botânico e geógrafo alemão Heinrich Willkomm “descobriu um narciso único no mundo”, em 1846, a que deu o seu nome. A revelação é descrita no livro *Albufeira Revisitada*, editado pelo município. O investigador, incentivando à descoberta de paragens desconhecidas, lê-se, divulgou a notícia “para todo o planeta e Albufeira posicionou-se como um paraíso natural a descobrir”. O tal narciso terá sobrevivido, mas o seu paradeiro não é divulgado. A lagoa dos Salgados é outra das zonas húmidas de referência, onde nidificam 45 espécies de aves, mas não está a salvo. No espaço envolvente, projecta-se a construção de mais 4 mil camas turísticas.

A partir da chegada dos “camões”, nos anos de 60, Albufeira não mais parou de crescer. As tascas passaram a *pubs* e a “vila branca em mar azul” transforma-se na terra das mil e uma noites de animação turística. O cantor Cliff Richard foi um dos muitos britânicos que se deixaram enamorar pela velha aldeia de pescadores, e fez-se “algarvio” de adopção. Na Guia, depois de aprender a comer frango assado com batatas fritas, o cantor veio a plantar vinha, e agora a música é outra – passou a vender recordações engarrafadas. O vinho que produz – Vida Nova, simbolicamente, representa a síntese de uma história de vida. “O Algarve, para mim, é sempre um dia de férias na pátria”, escreveu Miguel Torga, a lembrar o lado “belo e primaveril” da região, num dos seus poemas.

Manuel da Fonseca, nos finais da década de 60, vindo de camioneta, chega à vila piscatória. O que encontra, descreve, são “pessoas risonhas, que se agrupam, dispersam, cruzam, e se explicam nas mais desvairadas línguas”. Na praia, vislumbra já um ambiente multicultural. “Temos a suspeita de assistir numa terra levantina ao encontro de várias raças, prestes a partirem alegremente para uma bela aventura”.

Segundo os relatos recolhidos pelo município, Cliff Richard aparece pela



Fotografias: Coleção Arquivo Histórico de Albufeira



primeira vez em 1966, e provoca burburinho entre a população. A propaganda da época descreve o sítio como sendo a “Saint-Tropez portuguesa”. A revolução *hippy* da flor no cabelo germinou no contacto directo com a natureza, e o slogan “*peace and love*” entrou na história. O Café Bailote

torna-se o centro de cruzamento de culturas. “Foi o pintor Bailote que impulsionou nesta vila o primeiro grande surto turístico”, escrevem Idalina Nobre, Luísa Monteiro, Manuela Santos e Rui Gregório (fotografia) em *Albufeira Revisitada*, destacando também o papel do cientista

sueco Bertil Gullander (1915-1999), especialista em borboletas, que fez ilustrações científicas com novas espécies descobertas na região. O café converte-se numa galeria de arte, e os nórdicos rapidamente vêem as suas peles brancas ficarem cor de salmão, depois dos banhos de sol.

Os britânicos chegam em força, após a abertura do aeroporto de Faro, em 1965. Além de Cliff Richard, Tom Jones e muitas outras figuras do mundo artístico e cultural descobrem a praia dos pescadores. Bonnie Tyler, por exemplo, comprou casa nos Olhos d’Água, no início dos anos 70, e continua a passar férias na praia Maria Luísa. No próximo dia 20, cabe à cantora britânica encerrar as comemorações do Dia Município, com um concerto na praia dos Pescadores. O início da propaganda turística institucional dá-se em 1941, quando a câmara municipal pede autorização para fazer dez mil postais, divulgando, além das praias, as amendoeiras em flor, chaminés rendilhadas e a indumentária associada ao folclore. No mesmo sentido, o corridinho e o “bailo mandado” passam a ser entoados,

nos hotéis, como se fossem o “hino” da cultura turística da região

Piratas, ‘mãnfios’ e gandulos

Séculos antes de ter surgido a indústria turística, já os mercados do Norte da Europa tinham saboreado os figos algarvios, exportados, sobretudo, para a Flandres e Inglaterra. A praia dos Olhos d’Água é um dos sítios onde a terra entra pelo mar adentro, não apenas no sentido metafórico. Os homens do mar, refere Leonel Santos, são filhos ou netos de pescadores. “As pessoas não faziam férias, vinham a banhos”, recorda o antigo pescador, que se lembra do “convívio” com Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira e outros nomes ligados à música de intervenção. Este é um sítio especial. No mar e na praia rebentam mais de centena e meia de olheiros de água doce, e até se conta uma lenda associada a uma das nascentes. O primeiro morador da aldeia piscatória, José Maria Júnior, quando vinha do campo com as cabras, reparou que os animais iam beber ao mar. Estranhou, e fez o teste: bebeu, e a água era doce. Nasceu assim o “olheiro da cabra”.

As boas condições de atracagem da costa de Albufeira facilitaram, ao longo dos séculos, o comércio marítimo e, ao mesmo tempo, as incursões de piratas e corsários, desde a ocupação islâmica. Após a conquista cristã do território, lê-se no livro *Albufeira Revisitada*, as condições de vida dos muçulmanos tornaram-se difíceis, e alguns enveredaram pela luta armada. Apareceu o chamado “bandoleirismo mourisco”, organizado em três grupos distintos: piratas, “mãnfios” e gandulos. Mas também havia algarvios e de outras nacionalidades que se dedicavam à pirataria. O corsário Simão Gonçalves, que nasceu em Ceuta e viveu em Lagos até aos 14 anos, adquiriu “astuto de valentia”, mas não teve grande sorte. Acabou por ser preso em Albufeira, em 1554, segundo descreve Fernando Pedrosa, no artigo *Corsários e Naufrágios na Costa do Algarve*.